

VOLUME
XXIX BOLETIM DO
ARQUIVO DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

2016

IMPRENSA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

• U • C •



De Coimbra ao Rio de Janeiro: Os violeiros da família Couceiro e sua participação nas exposições regionais e internacionais¹

From Coimbra to Rio de Janeiro: The Couceiro's guitar makers and their participation in the regional and international exhibitions

MARCIA E. TABORDA

Escola de Música da UFRJ
marciataborda@musica.ufrj.br

Artigo entregue em: 22 de janeiro de 2016

Artigo aprovado em: 12 de abril de 2016

RESUMO

Os emigrantes portugueses que se transferiram para o Brasil trouxeram tradições e hábitos de vida. Durante todo o século XIX polvilharam nas ruas do centro do Rio as chamadas oficinas de violeiros, criadas por artesãos portugueses. Alguns desses fabricantes foram responsáveis pelo estabelecimento das lojas de música, dentre os quais o conimbricense João dos Santos Couceiro fundador da “Rabeca de Ouro”, que chegou à cidade em 1871. Durante toda a sua vida profissional Couceiro participou de mostras nacionais e internacionais, aspectos destacados neste texto.

PALAVRAS-CHAVE: Emigração portuguesa; viola; Rio de Janeiro.

¹ Pesquisa de Pós-doutoramento realizada com fomento da CAPES.

ABSTRACT

Portuguese emigrants who moved to Brazil brought traditions and customs. Documents show that throughout the whole of the nineteenth century so-called guitar workshops peppered the streets of the centre of Rio, with Portuguese craftsmen making guitars of various kinds, later making way for the making of instruments in the traditional music shops, such as the “Rabeca de Ouro” (literally, Golden Fiddle), founded by João dos Santos Couceiro, who moved from Coimbra to Rio de Janeiro in 1871. During his career he presented his instruments in regional and international exhibitions, aspects that will be documented in this text.

KEY-WORDS: Portuguese emigration; guitar; Rio de Janeiro.

De Coimbra para o Rio de Janeiro: Os violeiros da família Couceiro e sua participação nas exposições regionais e internacionais

Se os portugueses partiam, cultos ou analfabetos, ontem como hoje, era porque a aventura era mais forte que o enraizamento, o sonho mais irresistível que a realidade, o futuro mais prenhe de esperança ou abundância que o presente vivido.

Fernando de Sousa (SOUSA, 2009: 12)

A emigração portuguesa para o Brasil é compreendida por grande número de autores como um processo contínuo, que teve seu início no século XVI, permanecendo com oscilações nos diferentes períodos históricos e mantendo-se até os dias de hoje.

O professor Jorge Fernandes Alves, especialista no movimento migratório proveniente do Porto, aponta como principais características o fato de ser uma emigração que se estende por todo o espaço geográfico brasileiro, que estabeleceu um movimento que perdura no tempo, reajustando-se na qualidade e diversidade intrínseca dos seus fluxos, e que como nenhuma outra, enfrentou a hostilidade por parte dos brasileiros, verificando-se algum retorno e muita fixação (ALVES, 1999: 194).

A necessidade de emissão de passaporte para aqueles que desejassem partir de Portugal, estabelecida a partir de 1709, não foi mecanismo suficiente para o conhecimento preciso do número de emigrantes devido ao intenso trânsito clandestino. De acordo com Freitas Filho,

“As dificuldades para se avaliar a imigração clandestina são agravadas pela existência de documentos falsos, da contratação de marinheiros portugueses que não retornavam à Europa, de desembarques clandestinos e informais nos portos brasileiros, sobretudo no século XIX, quando muitos julgavam o Brasil ainda uma colônia formal de Portugal” (FREITAS FILHO, 2002: 168)

O autor informa ainda que em 1872, o consulado português do Rio de Janeiro estimou ser o movimento clandestino correspondente a 20% das entradas legais. Por outro lado, a proporção dos retornados, que também girava em torno deste percentual na década de 1850, subiu para 31% entre 1870 e 1874, compensando, desse modo, as entradas clandestinas.

A análise dos livros de registro de passaportes do Governo Civil do Porto entre os anos de 1836 e 1843 empreendida por Jorge Alves, revela um trânsito predominante de homens jovens, solteiros, destinados ao comércio e alfabetizados, contabilizando cerca de 95% do movimento. O número de mulheres emigrantes oscilava entre 3% e 5% do total dos titulares de passaportes e acompanhantes. Em contrapartida, e sublinhando uma realidade distinta, o estudo elaborado por Fernando de Sousa a partir das fontes da Real Companhia Velha, demonstra que o número de mulheres emigrantes no período de 1805 a 1832 atingiu 42%. Também em contraponto com o período posterior, quando não chegou a contabilizar 8%, o número de casados/casadas chegou a atingir 67% do total.

Dentre os inúmeros e complexos fatores que determinaram este amplo fluxo populacional, cabe destacar a instabilidade política e econômica portuguesa, a possibilidade de escapar do recrutamento para o exército, e como pontuou Jorge Alves, o desejo de fazer a imigração era um sonho acalentado nas coletividades rurais, nutrido ainda pelas histórias de sucesso de retornados e cartas de conhecidos (ALVES, 1999: 197).

Este movimento teve preferencialmente por destino os centros urbanos, por atividade fundamental a indústria e o comércio. Uma vez instalados no Brasil e particularmente no Rio de Janeiro, os portugueses assumiram diversas atividades, com destaque para o pequeno comércio como padarias, armazéns, bares, açougues, papelarias, armarinhos, e claro, a violaria, setores em que estabeleceram um território quase que majoritariamente sob controle português. Para ajudantes de pequenos serviços preferiam empregar conterrâneos, o que mantinha o fluxo migratório para Brasil em permanente estado de crescimento. Importante acrescentar que os imigrantes residentes no Rio de Janeiro não estavam apenas presentes no comércio

miúdo; um número significativo fazia parte da elite empresarial: “Difícil, impossível diremos, será constituir-se a história econômica do país, desconhecendo a eficiência do braço e do dinheiro, a eficiência do esforço e direção do prestimoso e perseverante cidadão português”.²

Em linhas bastante gerais terá sido este o contexto econômico e social que deu suporte ao longo trânsito de mestres violeiros que atravessaram o Atlântico para dar às suas vidas novos rumos em terras brasileiras. Estabeleceram oficinas no centro do Rio de Janeiro e como forma de organização reproduziram a estrutura portuguesa, na qual os mestres trabalhavam e coordenavam a atividade de um ou dois oficiais, de um ou dois aprendizes entre os quais provavelmente os filhos que lhe iriam suceder.

No “*Almanak administrativo, mercantil, e industrial do Rio de Janeiro*” também conhecido pelo nome “*Almanak Laemmert*” (1844-1889), sem dúvida a mais abrangente fonte de informações sobre o cotidiano das atividades comerciais e de manufatura desenvolvidas na cidade do Rio de Janeiro, encontram-se as principais e praticamente únicas referências à atividade de construção de instrumentos de cordas dedilhadas na cidade. Primeiras notícias de violeiros, como se anunciava na publicação, começam a aparecer em 1845, data em que Antônio Machado Lourenço, José Alves de Carvalho e Manuel José de Lima fornecem os endereços de suas oficinas.

A consulta a fontes documentais de acervos no Brasil e em Portugal possibilitou realizar um levantamento de 46 nomes de artesãos portugueses estabelecidos no Rio de Janeiro ao longo do século XIX, dos quais de apenas 14 conseguimos dados mais precisos tais como a proveniência, traços físicos, idade e data de chegada. Alguns desses fabricantes foram responsáveis pelo estabelecimento das lojas de música que se tornariam desde meados do século XIX, ponto de encontro e referência para a atividade de músicos cariocas. Dentre estes, destacam-se Francisco Garcia de Andrade, proveniente dos Açores, fundador da loja “Ao Cavaquinho de Ouro” e João dos Santos Couceiro, construtor de instrumentos que a partir de 1877 passou a anunciar sua atividade no *Almanak*, divulgando no ano seguinte a loja “A Rabeca de Ouro”, propriedade sua e de seu irmão, então situada à rua da Carioca n. 44:

“João dos Santos Couceiro & Irmão – fábrica de rabecas, violoncelos, contrabaixos e arcos, violões, cavaquinhos, guitarras e violas.

² João Augusto Alves, presidente do Centro de comércio e indústria. Apud Almir Freitas Filho, p.176.

Especialidade nos concertos; vende cordas para todos os instrumentos; os productos desta fabrica têm sido premiados com medalhas nas exposições de Portugal, Brazil e Philadelphia” (*Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro - ano 1878, Notabilidades*, p. 68).

Os Couceiros: uma violaria Conimbricense

No dia 6 de outubro de 1871, o Governo Civil de Coimbra concede passaporte a João dos Santos Couceiro (nascido em 13.04.1848), violeiro, filho de António dos Santos, natural da freguesia de Santa Cruz de Coimbra, autorizando sua saída para o Brasil.³ No ano seguinte, seu irmão mais novo, Joaquim dos Santos Couceiro seguiu o mesmo rumo. Filhos do artesão António dos Santos, João e Joaquim encerraram o ciclo de vida em Coimbra, cidade em que desempenhavam importante papel social como artesãos e sobretudo músicos, notadamente João, artista reconhecido por seus pares e com marcada atuação em importantes instituições musicais da sociedade conimbricense da época.

Sobre seu pai foi possível coletar algumas informações. O mestre violeiro António dos Santos nasceu no Botão no dia 31 de janeiro de 1818. Casou-se com Eugenia Rita Couceiro, natural de Ponte de Mucela e tiveram seis filhos: António (?-1914), João (1848-1905), Joaquim (1855-?), Rosa, Maria da Conceição (1858- ?) e Maria Augusta Borba (?-1922). Do primogênito sabemos que foi presbítero, pois deixou testamento; João e Joaquim, fizeram sua vida no Rio de Janeiro e quase nada foi possível apurar sobre suas irmãs.

Nos primeiros anos de vida em comum, o casal residia em Montarroio também na freguesia de Santa Cruz; no jornal *Commercio de Coimbra* de 22 de abril de 1864, especificamente nas atas da Câmara Municipal, localizamos um requerimento de António dos Santos - violeiro, Luiz Theotônio de Figueiredo e João Ferreira Maia, pedindo para conservar materiais de obras na porta de Santa Cruz, sem a obrigação de pagarem a devida licença durante o período de três meses; o despacho concede o depósito mediante o pagamento de aluguel da medida de terreno que ocupassem nos termos da postura. Podemos assim imaginar que data deste período a transferência

³ Arquivo da Universidade de Coimbra- Livro de registro de passaportes, n. 791, ano 1871, fl.397 v.

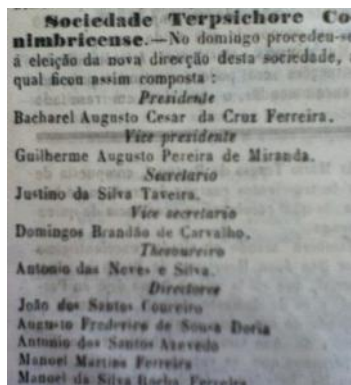
da família para a Rua Direita n. 16, endereço em que mantiveram a oficina, em que faleceram Antônio e Eugenia Rita e em que seguiu morando a filha mais nova do casal até as primeiras décadas do século XX. Surpreendentemente, em visita à Coimbra e especialmente a uma tradicional loja de instrumentos musicais nas proximidades da residência dos Couceiro, nada se conhece a respeito da família e do trabalho que ali desenvolveram.

Neste período de transferência dos Couceiro para a Rua Direita e do estabelecimento da oficina naquele endereço, o distrito de Coimbra tinha uma população estimada em 268.894 habitantes (o de Lisboa 438.464 mil); havia 54 irmandades e confrarias, com 6047 irmãos, sendo 41 legalmente eretas e 13 ilegalmente (*O Conimbricense*, 15.03.1869).

Muito pouco se pode dizer do fabrico de instrumentos no período, salvo breves notícias como o anúncio de Luiz Jose Maria de Oliveira informando que na Rua da Calçada n. 58 disponibilizava “sortimento de perfumaria de todas as qualidades. Também tem para vender, rabecas, flautas, violões franceses e portugueses, cavaquinhos de 6 cordas, cordas de superior qualidade para os ditos instrumentos e métodos para os mesmos” (*Conimbricense*, 4.11.64). Na mesma época, Abel de Moura e Oliveira, marceneiro, preso nas cadeias de Santa Cruz, publica anúncio no qual divulga seus trabalhos de marcenaria, torneiro, entalhador, realizando toda qualidade de instrumentos como flautas, rabecas, violões e clarinetas.

O jovem João dos Santos tocava violino e com seu instrumento participava ativamente da vida musical conimbricense; além de executante, ensaiava seus primeiros passos na composição, sendo de sua autoria o hino da “Sociedade União de Artistas” apresentado no “Theatro União de Artistas” em uma récita para festejar o aniversário de instalação desta sociedade (1869), assim como o da “Sociedade Terpsícore Conimbricense” na qual foi muito atuante: “Teve lugar no domingo a segunda reunião de famílias. Nos intervalos da dança tocava uma excelente orquestra toda composta de sócios. Principiou pelo hino da sociedade, a música da qual foi feita pelo sócio e muito inteligente artista João dos Santos Couceiro” (*O Conimbricense*, 4.01.1870).

Meses antes de sua partida para o Rio de Janeiro, Couceiro foi eleito um dos diretores da Sociedade Terpsícore Conimbricense:



O Conimbricense, 21.12.1869

Participou também da animada comemoração do primeiro aniversário de inauguração da biblioteca popular de Coimbra:

“Às quatro horas da manhã seguinte, ainda ali se dançava, e a custo se iam ausentando as famílias. A orquestra composta por mancebos inteligentes e entusiastas pela música, estava brilhante. No intervalo da primeira dança, foi tocado o trio de flauta, rabeça e piano. Elixir d’amore pelos srs. Augusto Gomes Paes, João dos Santos Couceiro e José Maria Casimiro de Abreu, o que foi muito aplaudido” (*O Conimbricense*, 7.02.1871).

Em outubro, *O Conimbricense* publicou a notícia de sua partida para o Brasil:

“Partida - O nosso amigo o Sr. João dos Santos Couceiro hábil artista violeiro desta cidade parte hoje para o Rio de Janeiro, onde vai residir. O Sr. João dos Santos deixa em Coimbra profundas saudades a todos os seus amigos. Mancebo dotado de excelentes qualidades e tendo um comportamento exemplar, estava sempre pronto para prestar os seus serviços em todas as sociedades artísticas a que tem pertencido. A sua falta há de ser muito sentida” (*O Conimbricense*, 10.10.1871).

Na cidade do Rio de Janeiro, João dos Santos Couceiro teve uma vida totalmente dedicada à música, cumprindo importante papel como artesão, comerciante e professor. Voltou a Coimbra umas poucas vezes para visitar a

família. Nos dez anos seguintes, não mais encontramos notícias do trabalho de seu pai, apenas a divulgação de seu falecimento, na manhã do dia 11 de dezembro de 1888, aos 70 anos de idade. No dia 09 de novembro desse ano, o então viúvo António dos Santos, foi ao cartório do tabelião Elísio da Costa Duarte na cidade de Figueira da Foz para fazer seu testamento público, dispondo sua última vontade da seguinte maneira:

“Deixa à sua serviçal Anna Pastora, casada, residente em Coimbra, e natural de Villa Verde, freguesia da Lamaroza, a soma de oitenta e seis mil e quatrocentos réis, ou dezoito moedas de quatro mil e oitocentos réis, como gratificação pelos bons serviços prestados à casa deste testador e especialmente um prédio que possui este testador no sítio do Loreto, subúrbio da cidade de Coimbra” (Arquivo da Universidade de Coimbra - Livro de registo de testamentos n. 108, fl.66v).

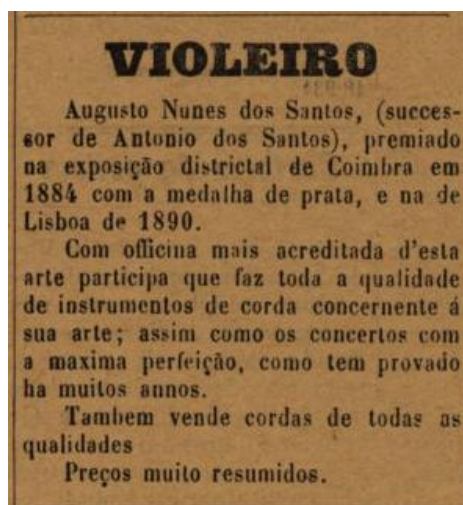
Poucos anos mais tarde, encontramos anúncio de Augusto Nunes dos Santos divulgando seu trabalho como sucessor de António dos Santos na oficina da Rua Direita. A descoberta do testamento de António dos Santos (filho), ajudou a elucidar a questão:

“Saibam quantos este testamento público virem, que no dia 10 do mês de dezembro do ano de nascimento do nosso senhor Jesus Cristo de mil novecentos e três, nesta cidade de Coimbra e no meu cartório (...), compareceram o reverendo Doutor António dos Santos Couceiro, presbítero, pároco morador na Vila de Soure, a quem todos conhecemos pelo próprio e nos certificamos de que ele está em seu perfeito juízo e livre de toda e qualquer coação. E por ele, António dos Santos Couceiro, foi dito na minha presença e na das ditas testemunhas, que faz o seu testamento e declara a sua última vontade pela maneira seguinte: Não tem herdeiros legítimos e assim dispõe livremente de todos os seus bens. Deixa a sua irmã Maria Augusta Borba, o usufruto vitalício de todos os seus bens mobiliários e imobiliários, direitos e ações dispensando-a do inventário e de caução. E institui por suas universais herdeiras, da propriedade dos mesmos bens, direitos e ações, a suas sobrinhas, Eugénia Augusta dos Santos e irmãs, Cremilda e Sarah, filhas de sua irmã Maria da Conceição” (Arquivo da Universidade de Coimbra - Livro de registo de testamentos, n.153, fl. 37v).

António dos Santos Couceiro (filho), faleceu no dia 20 de fevereiro de 1914 e esta certidão foi expedida exatamente um mês depois a pedido de Augusto Nunes dos Santos. Tal fato causou enorme surpresa, a solicitação de Augusto Nunes, nome do qual tínhamos conhecimento por sua participação como artesão violeiro na exposição distrital de Coimbra de 1884. Uma nova busca à documentação permitiu conhecer os fatos:

“Aos dez dias do mês de maio de 1883, nesta igreja paroquial de Santa Cruz perante mim e na presença de testemunhas abaixo nomeadas e assinadas compareceram os nubentes Augusto Nunes dos Santos batizado na freguesia de são Bartolomeu desta cidade no ano de 1859, solteiro, filho legítimo de Justiniano dos Santos e Ana de Jesus e Maria da Conceição dos Santos Couceiro, residente e batizada nesta freguesia de Santa Cruz no ano de 1858, solteira, filha legítima de António dos Santos e de Eugenia Ritta, com licença passada na Câmara Eclesiástica” (Arquivo da Universidade de Coimbra - Livro de casamentos da freguesia de Santa Cruz, n. 9, ano 1883, fl.7v).

Augusto Nunes dos Santos assumiu a oficina de seu sogro, António dos Santos. Desde 1896 encontramos anúncios que fez publicar nos periódicos locais dando notícia de seu trabalho e anunciando-se como o sucessor de António dos Santos.

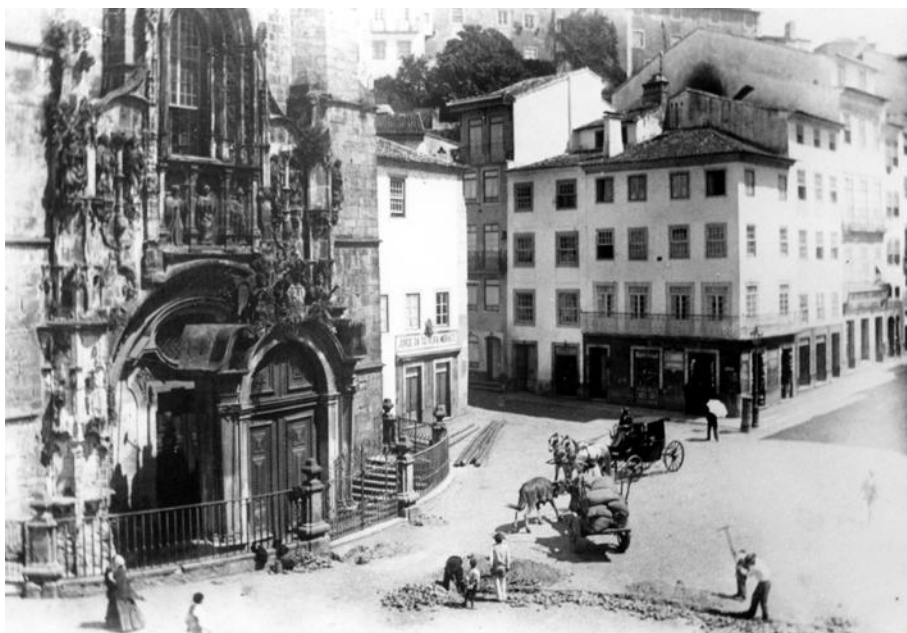


Defensor do povo, 26.04.1896

Assim como Rita e António, Augusto também faleceu na casa da Rua Direita, no dia 22 de dezembro de 1915, aos 57 anos de idade. Seu trabalho representou o último laço da arte da família Santos Couceiro com a cidade de Coimbra. No dia 25 de dezembro a notícia de seu falecimento na *Gazeta de Coimbra*:

“Faleceu na quarta-feira nesta cidade, onde era muito considerado, o sr. Augusto Nunes dos Santos, artista muito hábil de violeiro. Os trabalhos com que concorreu à Exposição Distrital, promovida em 1884, pela Escola livre das artes do desenho, foram honrosamente classificados com medalha de prata”.

Atualmente, a antiga Rua Direita, muito próxima à belíssima igreja de Santa Cruz, templo que teve um papel tão importante nas cerimônias de toda a vida da família Couceiro, está praticamente abandonada e destruída por conta das obras do metro que finalmente não chegou a ser construído.



Praça Oito de Maio, Acervo Biblioteca Municipal de Coimbra



Rua Direita, Acervo Biblioteca Municipal de Coimbra

A participação da família Couceiro nas Exposições Regionais e internacionais

A trajetória dos artesãos Couceiro foi marcada pela constante presença em exposições, desde as regionais às consagradas exposições internacionais, mostras de inventos que permearam o imaginário de diversas nações durante o século XIX.

Primeira notícia da participação da família em um evento do gênero vem de um curioso anúncio publicado no jornal *Commercio de Coimbra*, na terça-feira dia 8 de agosto de 1865:

“Viola Francesa - Na sala de cabeleireiro do Sr. Luiz José Maria de Oliveira, na Calçada, está patente uma viola francesa feita pelos srs. António dos Santos e filho, desta cidade, com destino à Exposição industrial portuense. É um objeto digno de ser visto para se conhecer a perfeição dos produtos daqueles artistas”.

À época João tinha 17 anos e seu irmão Joaquim, apenas 10. Os Santos Couceiro tiveram uma longa carreira neste ramo; exibiram seus instrumentos em inúmeras mostras como a Exposição Internacional do Porto (1865),

Exposição Distrital de Coimbra (1869 e 1884), Exposição Nacional - Rio de Janeiro (1873 e 1875), Filadélfia (1876) e Paris (1889).⁴

A Exposição do Porto

O detalhado catálogo oficial da exposição internacional do Porto de 1865 se inicia com o anúncio oficial da Exposição: a Sociedade do Palácio de Cristal Portuense, edifício permanente construído de pedra, ferro e cristal, resolveu em sessão de 4 de novembro, “celebrar uma pomposa festa do trabalho no seu magnífico edifício e jardins”, com uma exposição internacional a ser inaugurada no dia 21 de agosto e permanecendo aberta à visitação até fins do mês de dezembro. Esta decisão vitoriosa para a cidade, vinha sendo assunto de diversos artigos publicados nos periódicos locais, notadamente no *Commercio do Porto*, desde meados de 1864; muitos assinados por Ribeiro de Sá que aguerridamente ressaltava os méritos do Porto que justificavam abrigar o evento, argumentando especialmente aos contrários que julgavam caber à Lisboa tal feito.

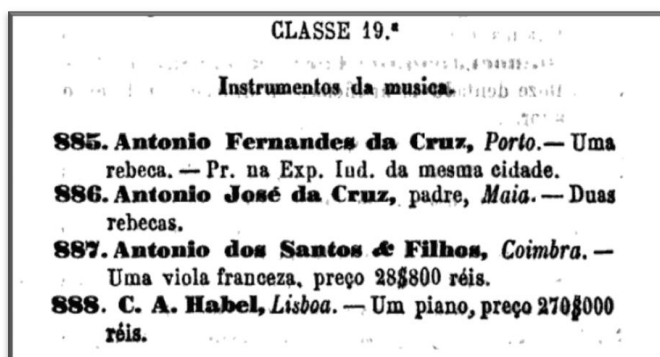
Com a exposição finalmente aprovada pelo Governo de Sua Majestade em 17 de outubro, a comissão central estabeleceu e divulgou o regulamento em que constava a admissão de todos os produtos da indústria, distribuídos em quatro grandes divisões, quais sejam, matérias primas e suas transformações imediatas, máquinas, produtos manufaturados e belas artes. A cada expositor foram fornecidos gratuitamente mostradores em madeira e espaço na parede para a colocação dos objetos a serem expostos; nenhum valor deveria ser pago pela ocupação do espaço durante o período da exposição e todos deveriam declarar se eram inventores, fabricantes, produtores, importadores ou se apenas possuidores do objeto exposto; especificamente no campo das Belas Artes, só seriam premiados aqueles que fossem autores da obra exposta.

Durante os meses em que esteve aberta a exposição foram promovidos concertos no Palácio de Cristal, recitais que contaram repetidas vezes com a participação de Artur Napoleão e C. Widor, como no anúncio publicado no jornal *O Conimbricense* no dia 18 de setembro: “A grande orquestra e órgão executaram então a Grande Fantasia, composição do Sr. Widor, regi-

⁴ Não será nosso objetivo analisar as exposições enquanto mostras de inventos, técnicas, difusão da ideologia do progresso e materialização do projeto capitalista. Para aprofundar a questão, ver Sandra Pesavento: *Exposições universais, espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo, Hucitec, 1997.

da pelo Sr. Artur Napoleão⁵, a grande marcha do Sr. Daddi, regida por ele e o hino do Palácio de Cristal, composição do sr. Noronha, que então assumiu a regência". No dia 17 de novembro, foi anunciada a série "Concertos populares", com a apresentação destes mesmos artistas num programa camerístico, onde além da "Fantasia sobre o grande órgão", foram executados solos de violinos por Francisco de Sá Noronha, solo de piano por A. Napoleão e dueto para dois pianos por Napoleão e Widor.

Dando prosseguimento à organização da mostra, os instrumentos de música foram indexados na segunda divisão, máquinas, seção de n. 19 com suas 4 subdivisões: instrumentos de corda, de vento, instrumentos mecânicos e de percussão e cordas e outros objetos pertencentes aos instrumentos. Recebidas as inscrições, foram 8 os artistas portugueses participantes: António Fernandes da Cruz (Porto) com uma rabeça, o padre António José da Cruz (Maia) com duas rabeças, António dos Santos & filhos (Coimbra) com uma viola francesa, C. A. Habel (Lisboa) com um piano, Custódio Cardoso Pereira (Porto), com instrumentos de música, Ernesto Victor Wagner (Lisboa) com um piano vertical, José Ferreira Sanhudo (Porto), com duas violas francesas, José Francisco Arroyo (Porto), com diversos instrumentos de música.



"Catalogo official da exposição internacional do Porto em 1865", p.65

No dia 16 de fevereiro do ano seguinte o *Commercio do Porto* reproduz a lista dos prêmios conferidos pelo júri e verificados pelo conselho de presidentes. Assim sendo, a medalha de honra foi conferida à A. Sax – (França) "por ser o fabricante de instrumento de metal que mais tem feito progredir

⁵ O pianista e compositor Arthur Napoleão dos Santos (1843 - 1925) nasceu no Porto. Em 1868 transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde desempenhou importante papel social, não apenas como artista, mas como um homem de negócios no campo da música.

esta indústria, inventando uns, aperfeiçoando outros e facilitando extraordinariamente o uso de quase todos”. Nenhum artista recebeu a medalha de primeira classe; na segunda classe foram premiados C. A. Habel – por um bom piano, Custodio Cardoso Pereira – pelos bons instrumentos metálicos de música e José Ferreira Sanhudo, pelos bons violões. Menção honrosa foi concedida aos seguintes artistas: António Fernandes da Cruz – por uma rebeca, António Ferreira Sanhudo – por uma viola, Ernesto Victor Wagner – por um piano vertical, seu diminuto preço, Joaquim Wladislau Bruno – por uma viola.

Curiosamente, o nome de Wladislau Bruno, artesão premiado por uma viola, não consta do Catálogo. Os Sanhudos do Porto são uma referência no que tange à construção de violas e seu trabalho é mencionado no importante livro *Instrumentos Populares Portugueses* de Ernesto Veiga de Oliveira. Embora esta primeira experiência dos Santos Couceiro não tenha sido reconhecida com premiação outras e muitas participações em feiras estariam por vir.

A Exposição Distrital de Coimbra - 1869

As principais informações sobre as mostras realizadas em Coimbra foram recolhidas fundamentalmente na imprensa local com destaque para os periódicos *O Conimbricense* e *O Tribuno Popular*.

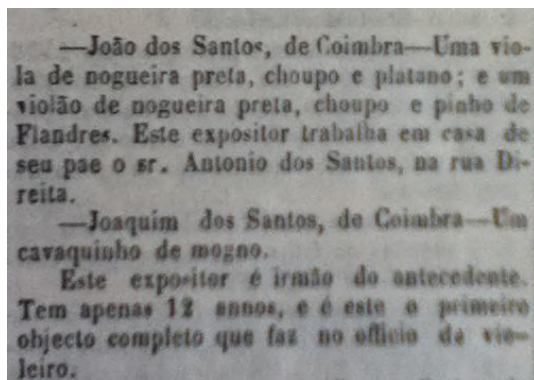
A Exposição Distrital de 1869 foi promovida pela Associação dos Artistas de Coimbra, organização instituída no dia 8 de dezembro de 1862 sob a presidência de Olympio Nicolau Rui Fernandes. Nicolau, homem de ação no diálogo que intelectuais procuraram manter com os trabalhadores nos anos de oitocentos, foi responsável pela redação dos estatutos da instituição, que tinham por objetivo privilegiar fins assistenciais e educativos; marco na trajetória desta associação foi o estabelecimento, em 1865, de aulas noturnas visando a instrução popular e a emancipação dos trabalhadores. Os violeiros Joaquim dos Santos Couceiro e Augusto Nunes dos Santos foram formados nos cursos noturnos promovidos pela Associação; no primeiro domingo de junho de 1869 fizeram o exame de instrução primária tendo sido habilitados respetivamente com muito bom (MB) e bom (B).

Com mais de um século de existência, a Associação atravessou seu momento fecundo nos anos de 1860-1870, consagrado pela organização da Exposição distrital; promoveram concertos, conferências, saraus, tiveram enfim importante papel na sociedade Conimbricense.

No dia 6 de março, *O Conimbricense* informa:

“A Associação dos Artistas de Coimbra, deliberou realizar uma exposição distrital dos produtos artísticos e dos das indústrias agrícola e fabril a qual devera ser aberta no dia 4 do próximo mês de julho. Por muito tempo têm sido menosprezados os interesses econômicos desse distrito, ao passo que são frequentes as tentativas para a sua aniquilação, amesquinhando a sua capital, e negando-lhe a sua importância local: não podia pois a Associação dos Artistas conservar-se impassível ante este estado de coisas; e por isso tomou aquela resolução”.

A partir de então, notícias passaram a ser continuamente publicadas nos periódicos locais, constando de informações e do programa a ser cumprido; seriam recebidos objetos existentes no distrito administrativo de Coimbra respeitando-se as seguintes divisões: história natural, obras científicas, belas-artes, produtos de indústria, variedades. Divulgado o programa foram incentivadas as inscrições e passou-se a publicar a lista de artesãos inscritos. Abaixo a notícia de participação dos irmãos Couceiro; João apresentou uma viola e um violão e Joaquim, então com 12 anos de idade, apresentou pela primeira vez um instrumento de sua fatura.



—João dos Santos, de Coimbra—Uma viola de nogueira preta, choupo e platano; e um violão de nogueira preta, choupo e piabo de Flandres. Este expositor trabalha em casa de seu pae o sr. Antonio dos Santos, na rua Direita.

—Joaquim dos Santos, de Coimbra—Um cavaquinho de mogno.

Este expositor é irmão do antecedente. Tem apenas 12 annos, e é este o primeiro objecto completo que faz no officio de violleiro.

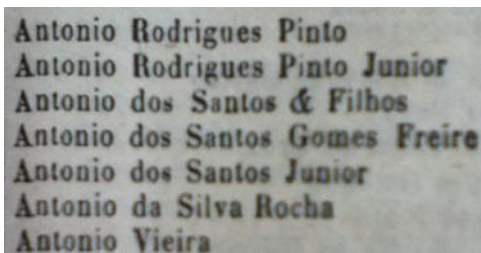
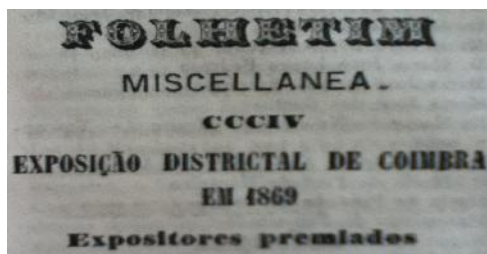
O Conimbricense, 3.07.1869

A Exposição foi aberta na manhã do dia 2 de julho para autoridades e demais convidados; os sócios da associação contaram com entrada franca facultada a partir do dia 5; A Câmara Municipal da cidade fez publicar em *O Conimbricense*, parte da ata da sessão do dia 14 de julho na qual dirigiu

um voto de louvor a todos os cidadãos que concorreram para essa festa civilizadora e em especial a seu benemérito iniciador. O povo compareceu e cotidianamente publicavam-se notícias sobre a exposição e o número de visitantes. A mostra foi encerrada no dia 31 de julho, recebendo no último dia a visita de 1400 pessoas; houve concerto com vários instrumentos e foram executados trechos de ópera.

Pouco tempo depois, a Associação decidiu por reabrir a exposição numa segunda fase iniciada no dia 17 de outubro (terminando no dia 31), para que houvesse representação de expositores de concelhos do distrito que não puderam tomar parte na primeira etapa; as novas inscrições foram recebidas do dia 3 até o dia 10 deste mesmo mês.

No dia 4 de dezembro foram publicados os resultados e no dia 8 distribuídos os diplomas aos expositores classificados. Neste mesmo período foi impresso na tipografia da Universidade de Coimbra o Catálogo da Exposição, no qual além da lista de artesãos premiados foram também disponibilizadas notícias acerca dos mais importantes estabelecimentos industriais do distrito. Curiosamente, o catálogo não documenta a participação dos Couceiro tampouco sua premiação; tal fato se deveu, possivelmente, à “escassez de tempo, a deficiência de alguns elementos e ainda à dificuldade de os colecionar” justificativas que acompanharam a notícia de sua publicação, resultado de meses de um trabalho intenso e de enorme abrangência⁶.



⁶ O *Conimbricense*, 4 de dezembro de 1869.

Os prêmios da seção de instrumentos de corda foram assim estabelecidos:

1a seção do jury – Belas-Artes e Aplicações:

2ª. classe

António dos Santos & filhos, de Coimbra – violão de pau-óleo com embutidos; viola de plátano com embutidos;

Augusto Nunes dos Santos, de Coimbra – guitarra de madeira de faia, com chapa de leques e embutidos.

3ª. classe

Bento Martins Lobo, de Coimbra- viola de pau-óleo com embutidos de madrepérola e de diferentes madeiras; guitarra em forma de lyra.

4ª. classe

António Duarte Mendes, da Figueira – viola francesa de pau preto, com braço de nogueira

Clemente Simões da Cunha Moraes, de Coimbra – chapa de leque para guitarra.

A Exposição Distrital de Coimbra - 1884

A segunda Exposição Distrital de Coimbra teve um programa mais resumido do que a primeira, por não incluir a seção de arqueologia e objetos raros. Ainda assim, foram praticamente equivalentes em números de expositores, cerca de 600 em ambos os certames. Surgida por iniciativa da Escola Livre das Artes do Desenho, contou com o empenho de uma comissão de intelectuais destacados no ambiente cultural de Coimbra, entre os quais Joaquim Martins de Carvalho, fundador do jornal *O Conimbricense*. Em 29 de dezembro de 1883, Carvalho justificou a realização do evento:

“Decorreram já 14 anos desde que por iniciativa da Associação dos Artistas se fez nesta cidade a primeira exposição distrital; e por isso é ocasião de confrontar as duas exposições e ver se as indústrias tem desde então estacionado, ou se tem progredido. A próxima exposição é toda prática. Trata-se de saber quais as circunstâncias em que se acham todos os ramos de atividade industrial deste distrito de Coimbra” (*O Conimbricense*).

O evento foi realizado no edifício do extinto Colégio do Carmo, de propriedade da Ordem Terceira da Penitência e sua inauguração aconteceu no dia 1 de janeiro de 1884. Foi publicada a *Revista Ilustrada da Exposição Distrital de Coimbra de 1884*, constando de 4 números correspondentes aos meses de janeiro a abril. Nos números das revistas foram apresentadas avaliações técnicas elaboradas por especialistas, constituindo um legado de textos importantes para o conhecimento das ideias, das artes e claro, do nível técnico apresentado pelos artesãos nos diferentes setores da manufatura. Os instrumentos de corda foram analisados por António Simões de Carvalho Barbas, professor de música da Universidade de Coimbra e primeiro regente efetivo da “Estudantina Académica de Coimbra”, fundada em 1888, grupo que dez anos mais tarde adotou a designação de “Tuna Académica da Universidade de Coimbra”, ainda vigente.

Seu artigo, reproduzido abaixo, datado de 21 de fevereiro de 1884, é minucioso e bastante rigoroso com os artesãos participantes da mostra:

(...) “É para lamentar que, na parte relativa à exposição de instrumentos musicos, se ache tão pouco representada esta indústria, ainda que, no pouco que ali se exhibe, se reconhece o muito merecimento dos fabricantes de instrumentos. Os senhores Augusto Nunes dos Santos, Bento Martins Lobo, ambos de Coimbra e o Sr. António Duarte Mendes, da Figueira, expuseram alguns instrumentos dignos, na verdade de serem apreciados e analisados.

O Sr. Augusto Nunes dos Santos expôs uma guitarra cujo tampo superior é orlado de embutidos de madeira e de madrepérola, tendo por baixo do cavalete uma lira dos mesmos embutidos.

O Sr. António dos Santos apresentou dois espécimes, um de viola de arame, outro de viola francesa: o primeiro é notável pela regularidade com que está feito o delineamento da cercadura dos embutidos de madrepérola que guarnecem o tampo superior, regularidade que falta muitas vezes nos instrumentos deste gênero: o segundo também ornado de embutidos bem dispostos, tem a cabeça elegantemente talhada e os buracos para as cravelhas forrados de madrepérola e por fora um disco de osso, o que faz com que a parte superior do instrumento esteja bem elegante. Pena é que o som não corresponda aos bonitos exteriores e que, pela má construção do braço, haja uma distância maior do que a que se requer entre as cordas e o braço, o que torna o instrumento áspero.

O Sr. António Duarte Mendes apresentou uma viola francesa bem

acabada exteriormente, mas com os mesmos defeitos da que expôs o Sr. António dos Santos.

O Sr. Bento Martins Lobo apresentou uma guitarra com forma de lira, bem acabada, e uma viola de arame, que é o instrumento deste gênero mais bem acabado que se encontra na Exposição, já pela delicadeza e elegância do cavalete com embutidos, como pela elegância da cabeça e perfeição das cravelhas que tem um pequeno botão de osso onde as cordas se prendem para afinar”.

Para finalizar, o crítico ressaltou que embora houvesse artesãos hábeis, Portugal ainda se ressentia da falta de escola, especialmente no que diz respeito à construção de violas francesas, que deveriam ter por modelo aquelas fabricadas em países como França, Espanha e Alemanha. Aproveita ainda para alfinetar o consumidor que deveria ser conhecedor das boas qualidades de um instrumento para que os fabricantes se esforçassem em alcançar melhores resultados, concluindo “a bondade de um instrumento não está na boa ou má impressão que nos desperta à vista, mas sim ao ouvido”.



António dos Santos não contou com a presença de seus filhos nesta mostra. Então residindo no Rio de Janeiro, João dos Santos persistiu na

trajetória de participação em exposições iniciada por seu pai, divulgando os produtos de sua manufatura e sempre mencionando nos anúncios que fazia publicar, os prêmios recebidos ao longo de sua vida profissional.

As Exposições Brasileiras

O Brasil participou ativamente das Exposições internacionais; até o final da monarquia, esteve presente nas exposições de 1862 (Londres), 1867 (Paris), 1873 (Viena), 1876 (Filadélfia) e 1889 (Paris). A respeito da presença constante do Brasil nestes eventos, Lillian Schwarz diagnostica o esforço do imperador e das elites da corte para veicular uma imagem do país como uma nação moderna e cosmopolita, em lugar de sua representação como país distante, agrícola, monárquico e escravocrata. No entanto, como aponta Schwarz, se a intenção era mostrar a civilização aliada aos trópicos, o efeito final tendia sempre ao último aspecto: o Brasil era sobretudo o país da grande natureza e dos “bons selvagens” (Schwarcz, 1999:585).

As exposições nacionais eram patrocinadas diretamente pelo imperador, e não por acaso tinham a cerimônia de abertura marcada para o dia 2 de dezembro, data de aniversário do monarca, no entanto o evento de 1873 teve sua inauguração transferida para o dia 1 de janeiro. A convocação aos participantes era feita pelos periódicos locais em mensagens como a que segue:

“a comissão superior nomeada pelo governo imperial para presidir a exposição nacional de produtos da indústria agrícola, manufatureira e artísticas, que tem de realizar-se nesta corte no dia 1 de janeiro próximo futuro, e dos que devem figurar na exposição universal de Viena de Áustria, dirige-se a todos os habitantes da Corte e província do Rio de Janeiro, convidando-os a concorrer, com o maior número possível de produtos naturais e industriais, a esta festa toda de glória nacional, afim de mostrar a riqueza do nosso solo e os progressos feitos nos diversos ramos de produção”(*Diário do Rio de Janeiro*, 07.06.1872).

Realizada no edifício da Escola Central, em frente ao largo de S. Francisco de Paula, a exposição foi inaugurada com toda a solenidade de uma verdadeira festa nacional. O governo imperial financiava esses eventos que tinham

despesas sempre maiores que a receita, não visando ao lucro, mas à propagação da imagem civilizada e do potencial de trabalho dos filhos da pátria brasileira. Pelo decreto de n. 5087 de 1 de agosto de 1872 foi concedido ao ministério da agricultura, comércio e obras públicas um crédito extraordinário de 173:100\$ para as despesas com a Exposição nacional e com o respetivo serviço em Viena d'Áustria, durante o exercício de 1872 a 1873. Naturalmente havia os descontentes:

“Não censuro o governo por ter gasto algum dinheiro com a exposição de nossos produtos em Viena: sustento, porém, o que disse o meu nobre amigo por Alagoas, de nossas exposições poucos resultados colheremos. O grande lucro que o governo tem tirado é dispor de um pretexto para dar aos amigos meios de viajar pela Europa e de fazer assim numerosos agradecidos. Consta-me que o nobre ministro mandou passear o duplo pessoal que foi empregado em 1867” (*Diário do Rio de Janeiro*, 12.07.1873).

Acusação imediatamente contestada pelo sr. Ministro na tribuna da corte.

No dia 15 de março embarcaram no paquete Gambie vários volumes contendo os objetos escolhidos pelo júri que deviam figurar em Viena; o resto do material seguiu em abril no paquete francês Rio Grande, constando de 41 volumes de produtos expostos.

Na exposição de Viena o Brasil obteve dois diplomas de honra, um à cultura do fumo, e outro à comissão nacional pelo café do Brasil, “que competiu com os mais belos espécimes dos outros países produtores, tendo sobre eles a vantagem de uma produção imensamente maior”. A despeito dos prêmios ressaltarem a participação do Brasil agrícola, não faltaram notas que faziam coro ao ideal de construção da imagem do Brasil Civilizado:

“O Brasil caminha a passos agigantados na estrada da civilização e do progresso. Os artefactos nacionais que se vem na exposição, o merecimento dos quadros expostos, a coleção de produtos naturais que se apresentam, o gosto pelo belo e por tudo quanto há de sublime que se manifesta à curiosidade pública, indicam o progresso, o amor às artes e o grande desenvolvimento que as fábricas e os estabelecimentos vão tendo neste território vastíssimo, destinado a eclipsar tudo quanto há de melhor no velho mundo” (*Jornal o Trabalho* 2.1.1873).

O ingresso de expositores era feito através da intermediação de conselheiros que levavam à comissão nomes de sócios para se integrarem ao evento. Encontramos em alguns periódicos as atas de reuniões que apresentavam a lista de nomes submetidos e aprovados; em nenhuma delas aparece o nome de João do Santos Couceiro; no entanto, na propaganda de sua loja A Rabeca de Ouro, constava a medalha de segunda classe recebida na Exposição Nacional de 1873; a notícia do prêmio foi publicada no jornal *O Globo* de 9 de janeiro de 1875: “No paço da cidade, a 23 do corrente serão distribuídos os prêmios conferidos aos expositores de 1873 e da exposição internacional de Vienna d’Austria, cuja relação é a seguinte: (...); 2a classe, medalha de bronze, J. Santos Couceiro”.



João dos Santos Couceiro.

A Exposição nacional de 1875 e a de Filadélfia de 1876

No dia 2 de janeiro de 1875 o jornal *O Globo* divulgou a notícia de realização do certame brasileiro que iria selecionar os expositores cujos produtos representariam o Brasil nos Estados Unidos:

“Almejando, como deve, corresponder dignamente a convocação que as nações do mundo dirigiu a Confederação dos Estados Unidos Norte Americanos, que em 1876 vai solenizar o centenário de sua independência com o grande concurso universal da indústria que é o magnífico espetáculo, de que pode glorificar-se o século XIX, o governo imperial também convocou a sua Exposição Nacional que deve abrir-se a 7 de setembro de 1875, e da qual terão de sair com esmerada escolha os produtos naturais e de indústria que irão representar o Brasil naquele imenso inventário das forças produtivas e das riquezas dos diversos países e nações”.

Na série de artigos sobre a exposição publicados por Saldanha da Gama no *Jornal do Commercio*, o autor se detém sobre a participação das diferentes províncias da nação, comentando em detalhes a riqueza dos reinos mineral e vegetal. Dos 14 artigos publicados dedica apenas um à presença das artes liberais na exposição; estende-se sobre a fotografia e praticamente ignora a fabricação de instrumentos musicais, comentando apenas os pianos apresentados e reservando uma única linha para as outras categorias: “nada mais de artes liberais a não ser um violino ou rabeça de arco virgem que ninguém experimentou”.

A exposição não foi inaugurada em setembro, mas em dezembro; ao longo de todo o ano foram divulgados os trabalhos realizados pela comissão dos expositores da indústria brasileira; foi possível saber, por exemplo, que João dos Santos Couceiro foi admitido como sócio na reunião de 29 de abril.

Ao contrário do que vaticinou Saldanha da Gama, a rabeça de Couceiro foi sim experimentada; no dia 22 de novembro o jornal *O Globo* divulgou o concerto:

“O hábil e festejado rabequista português Sr. Francisco Pereira da Costa dá um concerto no Imperial Conservatório de música, na noite de hoje. Apellando para o generoso público desta capital é natural que o Sr. Pereira da Costa encontre nele a proteção de que é merecedor. (...) As pessoas que a isto se prestarem, além de passarem momentos agradáveis nessa noite, terão ocasião de admirar uma rabeça e arco feitos de madeiras do Brazil pelo Sr. J. dos Santos Couceiro, na qual tocará o beneficiado, e será apresentada a apreciação do público na nossa próxima Exposição, sendo enviada depois para a de Philadelphia”.

Em janeiro, nova apresentação realizada em uma das salas do Palácio da Exposição; foi programado um pequeno concerto para que se pudesse experimentar os instrumentos expostos; a rabeça fabricada por Couceiro foi executada novamente pelo violinista Pereira da Costa. A apresentação foi noticiada em *O Globo*:

“Realizou-se ontem um pequeno concerto em presença de S.A. o Sr. conde d’Eu e de um escolhido concurso de damas e cavalheiros para experimentarem-se dois pianos fabricados no país, um pelo Sr. Carlos Welers e outro pelo Sr. Pereira, e uma rabeça saída das

oficinas do Sr. J. Santos Couceiro, fabricada com madeiras do país. As vozes dos três instrumentos nada deixaram a desejar e o bem acabado da mão de obra não poderá facilmente ser excedido” (*O Globo*, 13.1.76).

A respeito dos instrumentos apresentados na mostra, o mesmo jornal comenta: “ao passo que o nosso lindo piano no pavilhão da comissão não excitou atenção, as violas e rabecas do Sr. J. dos Santos Couceiro, vão provavelmente receber uma medalha” (*O Globo*, 3.11.1876). Era de fato grande a responsabilidade de apresentar-se na comemoração do centenário dos Estados Unidos, pois S.M. o Imperador iria assistir à festa para observar de perto a participação brasileira no certame internacional. E assim foi. Em maio de 1876 foi inaugurada a Exposição do Centenário que teve em sua abertura, o toque de sinos por toda a Filadélfia. Estavam presentes o presidente dos Estados Unidos, Ulysses Grant e Dom Pedro II Imperador do Brasil com sua esposa. A cerimônia terminou no pavilhão de máquinas e equipamentos com Grant e Dom Pedro dando a partida no motor a vapor Corliss Steam Engine que fornecia energia para a maioria dos outros equipamentos da Exposição.



The Centennial Exhibition Digital Collection

Todos os detalhes desta exposição encontram-se descritos por James D. McCabe, no livro *“The illustrated history of the Centennial Exhibition”*. A localização, a forma dos pavilhões, seu conteúdo e sobretudo, as formalidades. Com base nestas informações foi possível saber da presença marcante de Pedro II, dando-nos a impressão de ter-se tornado uma das personalidades favoritas do evento. Segundo o autor, o pavilhão brasileiro, construído

em estilo mourisco era ornamentado com arcos e pilastras suportando uma estrutura de madeira pintada em cores brilhantes.

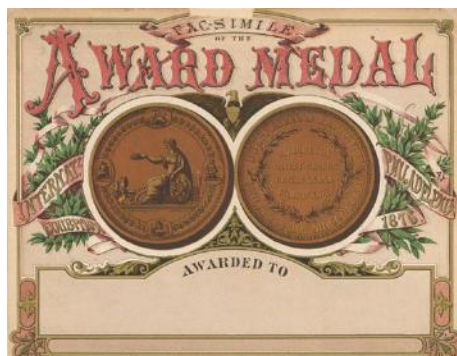


"The Centennial Exhibition Digital Collection"

No dia 4 de julho houve a grande celebração da independência americana e mais uma vez Pedro II teve a oportunidade de ser calorosamente saudado pela multidão. No encerramento da cerimônia a orquestra executou a obra "A greeting from Brazil" hino encomendado pelo Imperador ao compositor Carlos Gomes.

No dia 27 de setembro foram entregues os diplomas e medalhas aos expositores selecionados, momento de forte participação popular contando com a presença de grande número de pessoas. Em janeiro de 1877 o jornal *O Globo* forneceu a lista dos expositores brasileiros onde aparece o nome de Couceiro:

133. J. dos Santos Couceiro. Rio de Janeiro, violões e rabecas.



"The Centennial Exhibition Digital Collection"

A Exposição Universal de Paris

As informações referentes à presença brasileira neste certame constam do livro *"L'Empire du Brésil: a l'exposition universelle de 1889"* de Santana Nery. Segundo o autor, o estímulo à participação brasileira surgiu de intelectuais e comerciantes residentes em Paris que em março de 1888 constituíram o Comitê Franco-Brasileiro, cuja atuação foi fundamental para a concretização da presença brasileira, que naturalmente obteve todo o empenho do Imperador. Em 1887, Pedro II foi visitar o canteiro de obras da Exposição, chegando posteriormente a enviar uma carta à organização do evento solicitando uma boa localização para o pavilhão brasileiro, próximo à Torre Eiffel. A visita do imperador foi mencionada no *Le Moniteur de l'Exposition de 1889*:

(...) "o imperador ficou vivamente interessado na Torre Eiffel, da qual quis que lhe explicassem o mecanismo e a simetria. Depois de ter percorrido o canteiro de obras, D. Pedro examinou longamente no gabinete do diretor geral os planos desdobrados em sua frente e se mostrou maravilhado com a sua precisão e a rapidez com que são executados" (apud PESAVENTO, 1997:188).

No dia 11 de dezembro de 1888, sua Majestade o Imperador abriu no Rio de Janeiro a Exposição preparatória à universal de Paris; na sala Princesa Imperial, João dos Santos Couceiro exibiu produtos de sua fábrica de instrumentos: bandurra, bandolim, guitarra, rabeca surda, violão e violão lira; "todos esses trabalhos são magníficos e elegantes e podem competir com os seus similares estrangeiros" (*Gazeta da Tarde*, 28.12.88).

A Exposição Internacional de Paris, evento comemorativo do centenário da Revolução Francesa, foi dos mais impactantes do gênero; envolveu a construção de importantes monumentos da arquitetura francesa dentre os quais, e não menos, a Torre Eiffel. Curiosamente, a pretendida exaltação de patriotismo foi segundo artigo da revista “*Deux Mondes*”, eclipsada pela grande festa internacional:

“Sucedeu uma coisa curiosa: pensava-se festejar em 1889 o centenário da revolução Francesa e a exposição seria uma parte que a ela se acrescentaria, mas o centenário foi eclipsado e desempenhou um papel apagado; foi a exposição universal que tomou logo o primeiro lugar, que se tornou a atração soberana, a viva e sedutora imagem do momento. Este ano ficou mais conhecido como o ano da exposição do que como o ano do centenário, que é para onde acorria a multidão, preferindo o que lá se passava do que as comemorações oficiais” (Apud PESAVENTO, 1997:177).

João dos Santos Couceiro recebeu a medalha de prata por uma rabeça feita de cedro, jacarandá e peroba, instrumento doado ao Instituto Nacional de Música. Atendendo à solicitação feita pelo comissário geral de Paris, Couceiro autorizou a venda dos produtos que expôs no Campo de Março, cujo valor de cerca de \$850, reverteu em favor do Liceu de artes e ofícios (*Gazeta da Tarde*, 22. 08.1889). Pouco antes do encerramento da grande festa foi divulgada a notícia da queda da última monarquia da América Latina. No dia 16 de novembro de 1889 o governo provisório publicava na *Gazeta de notícias do Rio de Janeiro* a seguinte nota:

“Concidadãos – o povo, o exército e a armada nacional, em perfeita comunhão de sentimentos com os nossos concidadãos residentes nas províncias, acabam de decretar a deposição da dinastia imperial, e conseqüentemente a extinção do sistema monárquico – representativo. Como resultado imediato desta revolução nacional, de caráter essencialmente patriótico, acaba de ser instituído um governo provisório, cuja principal missão é garantir com a ordem pública a liberdade e os direitos dos cidadãos”.

A lista dos expositores premiados foi publicada no jornal *Gazeta da tarde* apenas no dia 25 de junho de 1891 e no dia sete de setembro, a Comissão Central da Exposição brasileira preparatória da Universal de Paris,

convidou os expositores do Brasil selecionados pelo Tribunal da Exposição Universal de Paris a comparecer, na presença do governo, ao Liceu de Artes e ofícios para a distribuição dos prêmios conferidos.



No ano seguinte a França promoveu uma nova mostra da qual o Brasil não tomou parte.

João dos Santos Couceiro levou seus instrumentos a uma última exposição, realizada em Saint Louis entre os meses de abril e dezembro de 1904.



Official catalogue of exhibitors, p.49

O jornal *A Notícia* de 23 de janeiro de 1902 publicou artigo acerca dos instrumentos a serem apresentados por Couceiro nos Estados Unidos:

“Exposição preparatória de S. Luiz: Uma das mais atrativas exposições é a feita pelo Sr. João dos Santos Couceiro, um artista, em toda a extensão da palavra- que se dedica com fervor à construção de instrumentos de corda. O que tem de delicado e exigente a arte construtora de tais instrumentos, aí esta demonstrado nas rabecas, bandolins, violões, guitarras, etc... cuja beleza não fica abaixo das qualidades essenciais dos primeiros músicos do país.

Vimos nesta exposição três violões, cujos tampos harmônicos estão decorados com pinturas delicadas, devidas ao pincel do pintor H. Bernardelli. Desses violões: violão espanhol, violão caipira e violão baixo, merece especial menção este último, não só pela originalidade da pintura, como do tamanho.

O que também nos atraiu a atenção foi uma rabeca fabricada em 1888 com madeiras do país; o tampo de harmonia é feito de cedro da Bahia; o fundo e os lados harmônicos e o braço fabricados com a afamada peroba revessa de Campos, o teclado, o estandarte e as cravelhas de ébano do Pará; todo esse mimo, de grande valor artístico, onde a beleza da execução rivaliza com a preciosidade das madeiras, teve a sua recompensa no premio obtido na grande exposição universal de Paris de 1889”.

Importante ressaltar a riqueza de informações desta nota, ao comentar aspetos muito pouco conhecidos da fabricação de instrumentos no Rio de Janeiro, como a variedade de modelos e das madeiras então utilizadas.

Considerações finais

A trajetória de João dos Santos Couceiro no Brasil ainda está por ser contada. Após uns poucos anos de trabalho em conjunto, seu irmão Joaquim, abandonou a arte da violaria e o encontramos atuando posteriormente em outro negócio. João integrou-se à nova sociedade desempenhando um papel destacado como artesão, professor de bandolim e organizador de apresentações e claro, passou a ser membro ativo da comunidade portuguesa estabelecida na cidade, envolvendo-se em inúmeras ações beneméritas.

Faleceu em 1905, suicidando-se no cemitério de São Francisco Xavier. Teria deixado dois filhos, um dos quais Alfredo Couceiro que ainda manteve por alguns anos a loja A rabeca de ouro. Documento do Juízo da Pretoria Cível do Distrito Federal, do dia 6 de junho de 1918, informa que Alfredo dos Santos Couceiro, nascido nesta capital a Rua Buenos Aires n. 30, em 3 de agosto de 1889, filho de João dos Santos Couceiro e de Eduarda Augusta de Andrade Couceiro, não tendo sido registrado em tempo hábil vem respeitosamente pedir mandar registrar nesta Pretoria.

A loja A rabeca de Ouro instaurou uma tradição de nomes e de estabelecimentos musicais e de sociabilidade ainda vigente na cidade do Rio de Janeiro; no século XIX vimos surgir Ao cavaquinho de Ouro, posteriormente surgiu a loja À guitarra de Prata (recentemente fechada) e Ao bandolim de Ouro que ainda está em funcionamento.

Do ponto de vista da técnica de construção, o trabalho de Couceiro obteve grande reconhecimento havendo críticas nos periódicos locais que atestam a qualidade de seus instrumentos. Infelizmente e a despeito da numerosa produção de sua empresa, poucos sobreviveram ao tempo. Foi possível identificar um violino que consta do acervo do Museu Delgado de Carvalho da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro e um bandolim que faz parte do acervo de um professor desta instituição.

As decorrências musicais do trabalho de Couceiro estão ainda por ser averiguadas. Como uma luz para estudos futuros, ressaltamos a prática musical conimbricense como uma possível influência da manufatura de instrumentos na difusão de uma organologia específica que aqui teria se aclimatado e produzido frutos como, por exemplo, a admissão do violão de sete cordas na música popular brasileira, cuja origem ainda não pode ser atestada.

Bibliografia

Publicações periódicas:

ALVES, Jorge Fernandes (1999) – “Variações sobre o “brasileiro” – Tensões na emigração e no retorno do Brasil”. *Revista Portuguesa de História*, tomo XXXIII, U. Coimbra, p.191-222.

____ (1989) – “Emigração portuguesa: o exemplo do Porto nos meados do século XIX”. *Revista de História*. Porto, vol.9, p. 267 - 290.

HOMEM, Amadeu José de Carvalho (1984) – “Ideologia e indústria. A Exposição Distrital de Coimbra em 1884”. *Revista de História das Ideias*. Coimbra, vol. 6º, p. 395-415.

MENDES, José Maria Amado (1979) – “Exposições industriais em Coimbra na segunda

metade do século XIX". *O Instituto, Revista Científica e Literária*. Separata do volume CXXXIX, p.35-49.

REVISTA ILLUSTRADA DA EXPOSIÇÃO DISTRICTAL DE COIMBRA (1884) – Coimbra: Typ. de M.C. da Silva.

Capítulos de obras coletivas:

CURY, Vania Maria (2002) – “Presença portuguesa: bases para a expansão das profissões liberais no Brasil”. In LESSA, Carlos (org.) – *Os lusíadas na aventura do Rio moderno*. Rio de Janeiro: Record, 243-273.

FREITAS FILHO, Almir Pita (2002) – “A colônia portuguesa na composição empresarial da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do XX”. In LESSA, Carlos (org.) – *Os lusíadas na aventura do Rio moderno*. Rio de Janeiro: Record, p. 165-197.

MENEZES, Lená Medeiros de (2000) – “Jovens portugueses: Histórias de trabalho, histórias de sucesso, história de fracassos”. In GOMES, Angela de Castro (org.) – *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Sete Letras, p. 164-182.

Livros:

ALVES, Jorge Fernandes (2007) – *Brasil, terra de esperanças: utopia e realidade na emigração portuguesa*. Vila Nova de Famalicão: Quasi.

LOUREIRO, José Pinto (1853) – Índice ideográfico de O Conimbricense. Coimbra editora.

PESAVENTO, Sandra (1997) – *Exposições universais, espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitec.

SOUSA, Fernando de (2009) – *A emigração portuguesa para o Brasil e as origens da Agência Abreu (1840)*. Porto: Fronteira do Caos Ed. e Cepese.

SOUSA, Fernando de; LIMA DE MATOS, Ismênia e MATOS, Izilda (org.) (2002) – *Nas duas margens: os portugueses no Brasil*. CEPESE, Ed. Afrontamento: Porto.

TABORDA, Marcia Ermelindo (2011) – *Violão e identidade nacional: Rio de Janeiro 1830-1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Livros em suporte eletrônico:

MCCABE, James Dabney (1876) – *The illustrated history of the Centennial exhibition, held in commemoration of the one hundredth anniversary of American independence*. Philadelphia: The National publishing company. Disponível em <https://archive.org/details/illustratedhisto00inmcca> (acedido em 25/10/2014).

OFFICIAL CATALOGUE OF EXHIBITORS (1904) – Universal exposition. St. Louis, U.S.A. Division of exhibits. Department A. Education [to H. Agriculture; J. Horticulture to P. Physical Culture; R. Livestock. St. Louis: For the Committee on press and publicity by the official catalogue company inc. Disponível em <https://archive.org/details/officialcatalogu00loui> (acedido em 22/10/2014).

SANTA-ANNA NERY, Frederico José de (1889) – *Le Brésil en 1889*. Paris: Ch. Delagrave/ Syndicat du Comité franco-brésilien. Disponível em <https://archive.org/details/lebrsilen00nerygoog>. (acedido em 15/11/2014).